

A carestia da vida

Financeiros e Politikeiros

O que disse o nosso companheiro Helio Negro no 2.º comício.

Cidadãos

Toda a imprensa se coligou, a fim de anular os nossos protestos contra a carestia da vida.

Cada jornalista começa invariavelmente o seu artigo dizendo que é muito respeitável a dor do povo faminto, acabando por escarnecer dos nossos comícios e dizendo que eles só tem por fim a expansão dos pruridos réticos do socialismo intempestivo.

Todos a uma voz dizem que afinal não apontamos o remédio para debelar o mal.

Ora, a mim sempre me repugnou criticar o que existe, sem apontar as suas causas e os seus remédios: imediatos num sentido transitorio e mais longinquo num sentido duradouro e eficaz.

Quais são, em S. Paulo, as causas mais visíveis da carestia da vida?

Eu vol-o direi:

Muitos dos que me ouvem conhecem o chamado «Convenio de Taubaté», que teve por fim o plano financeiro da valorização do mais importante producto de exportação deste Estado: — o café.

Esse plano teve outrora em mim um humilde mas extremado defensor. Porque eu só tinha em consideração a necessidade de se elevar de modo estavel o preço desse grão, quasi unico factor da exportação nacional, e dele ser retirada a verba mais volumosa da receita orçamentaria em beneficio doutras verbas como a referente aos direitos aduaneiros sobre generos e artigos de primeira necessidade.

Enganei-me.

A valorização teve por unico objectivo favorecer a classe dos fazendeiros.

Das classes pobres ninguém tirou proveito dessa operação financeira realizada pelo Estado.

Nem os trabalhadores das fazendas tiveram aumento de salario com a alta monopolica do café, nem os trabalhadores das cidades foram beneficiados com os generos de primeira necessidade barateados pela

Alto contrario, a guerra da primeira necessidade, de ha 2 annos para cá, quasi duplicaram de preço, e o motivo é simples, mesmo excluindo a influencia do açambarcamento.

A população cresce de modo visível e o cultivo de generos de primeira necessidade decresce na razão inversa do aumento da população.

Porque?

Porque o fazendeiro abandona por completo o cultivo de outras ceareas, empregando todas as forças productivas ao seu dispor na industria cafeeira — cuja produção está valorizada pelo Estado dum modo vergonhosamente artificial, em detrimento das classes trabalhadoras, que, no fim das contas, é que pagam todas as despesas dessa valorização, sem dela auferirem proveito algum.

Até este ponto eu exclui a influencia do açambarcamento na carestia da vida.

Mas a verdade é que os açambarcadores campeiam desenfreadamente e para justificar a sua acção eles não têm mais que se estribarem no precedente aberto pelo governo com o monopolio do café.

E' necessario que eu vos cite a «União dos Refinadores», a «Cooperativa das Fabricas de Chapéus», a «Cia. Antarctica», que açambarcou a fabricação das cervejas, arruinando as pequenas fabricas com multas continuas applicadas pelos funcionarios do Estado ás suas ordens?

E' preciso que eu vos diga que a firma Puglisi Carbone é quasi unica proprietaria da «Cooperativa das Fabricas de Chapéus», que a firma Matarazzo e o «Moinho Inglez» fazem subir ou descer o preço das farinhas á sua vontade?

Todo o arroz que aparece na praça é comprado sistematicamente pela firma Matarazzo, que alem disso manda os seus agentes comprar a maior parte dos arrozais ainda em plantio.

E sabe-se muito bem que estas rouba-lheiras legais não encontram repressão por parte dos poderes publicos, porque são legalizadas pelos proprios ladrões que as executam ou pelas suas criaturas, que no Congresso ganham 100\$000 por dia para fazerem o sacrificio de cavacquer sobre coisas inuteis entre as fumaradas de um havana e o saborear dum café fumegante.

Em compensação os trabalhadores nacionais como os estrangeiros, que mourejam de sol a sol, rasgando as florestas com estradas de ferro, desbravando e cultivando as terras baldias, construindo os templos da sciencia, onde o homem se instrue desde a mais tenra idade, dando vida e animação ás industrias e ás artes, criando e desenvolvendo finalmente as riquezas deste vasto e fertilissimo paiz — esses obreiros humildes de todo o progresso moral e material desta

terra, são constrangidos a vir á praça publica gritar contra a carestia da vida, porque mal ganham para vegetar e morrer lentamente de inanição!

Mas não nos afastemos do assunto.

Os gaviões da finança dominam o poder. Eles sabem muito bem que podem á vontade explorar com o açambarcamento de industrias inteiras, porque as suas criaturas no «Congresso» não dariam o voto contra o desenfreado proteccionismo das tarifas aduaneiras que viesse pôr em serio perigo essas industrias parasitarias.

Ainda ha pouco tempo, uma importante companhia que explora a fabricação de objectos de ferro esmaltado, a «Fabrica Sillex», por intermedio dos politicos ao seu serviço, conseguiu que esses objectos de 600 Rs. que pagavam passassem a 1\$200 Rs. por direitos alfandegarios, sobrecarregados ainda com 50 oitavo.

Eu poderia centuplicar estes exemplos, para vos demonstrar a influencia decisiva que tem os gaviões da alta finança sobre todos os actos dos governos da União e dos Estados.

Mas para quê?

Vós não tendes bem á vista a Comp. Light e a Comp. Docas, dois gaviões a lutarem entre si, cada um para obter a preponderancia economica deste paiz?

Não vedes que cada uma dessas companhias tem ao seu serviço um numero respeitavel de politicos de grande prestigio, que amam muito a sua patria, mas que, entretanto, nunca vacilaram em vender a esses aventureiros da finança, arranjando-lhes concessões escandalosas, conferindo-lhes privilegios que reunidos a outros co-ficientes economicos representam a causa mesma da actual carestia da vida?

Conheceis, por certo, ao menos de nome a «Société Financière Franco-Brésilienne». Pois bem. Essa poderosa companhia, como a Light, como a Docas, tem sob o seu dominio uma grande quantidade de empresas comerciais, tendo ao seu serviço politicos de nomeada que amam muito a sua patria, mas amam muito mais o bolo que lhes cabe nas parilhas...

E quem paga tudo isso é o povo trabalhador!...

Eu já disse, alhures, tambem se conhece bem a sua causa:

«A Companhia Ingleza tentou açambarcar pela calada a maioria das acções doutras vias ferreas» — o que não conseguiu completamente porque os accionistas descobriram o plano e retraíram-se na venda.

«Houve ainda outros sindicatos que tentaram operações identicas, conforme se tem feito nos Estados Unidos. E como para realizar estas especulações entrou muito dinheiro, os bancos ficaram abarrotados.

«Na falta de melhor applicação para esse numerario, os capitalistas começaram a comprar todas as propriedades imoveis que encontravam.

«A procura de predios engendrou a alta de preços destes, e em consequencia o encarecimento dos respectivos alugueis.

«A Camara, comprada por um grupo de capitalistas (entre os quais estão alguns membros da mesma Camara) tendo em tempo votado uma lei de camarália proibindo a abertura de novas ruas, votou, ha pouco outra, contraditoria, subsidiando a abertura de outras, em locais determinados, a fim de valorizar algumas propriedades dos seus protegidos.

«E ai está como a carestia é uma consequencia das manobras dos capitalistas, pa-enriquecerem á custa dos explorados.

Como é que o Governo poderá remediar isto, quando se sabe que o remédio verdadeiro seria em detrimento do capitalismo de que o Governo sempre foi e não pode deixar de ser o cão de guarda?»

Já apontámos as causas, vamos agora aos remédios.

Cotejando os boletins de preços dos mercados exportadores pe generos alimenticios, vemos que com a isenção de direitos, o arroz estrangeiro custaria aqui 220 rs. por litro, as batatas 140 rs. por quilo, a cebola a 200 rs. e assim successivamente.

Portanto, a primeira medida que se imporia a um Governo que quizesse e podesse ser util ao povo trabalhador — seria abolir os direitos de entrada.

Sabemos que, mandando-se construir — não meia duzia de casas operarias para serem alugadas a alguns afilhados — mas sim alguns milhares para serem alugadas mesmo a quem mais desse, o custo da habitação baixaria, forçado pela lei (se bem que artificial e não natural como dizem os economistas) da oferta e procura.

Ora ai está como nós sabemos apontar os remédios para, ao menos, minorar o mal.

Mas sabemos, por outro lado, que os governos, só forçados pela acção de baixo tentariam pôr em pratica tais remédios.

Porque é necessario saber que os governos não são coisas abstratas, mas sim grupos de individuos parasitarios, que vi-

vem á custa dos produtores e que, portanto, têm interesses opostos á estes.

No caso actual, os governos da União e dos Estados, são a expressão absoluta duma casta que tem em suas mãos todo o poder politico e economico da nação. Todos os actos com que estes governos queiram melhorar a situação do povo são em detrimento da ganancia sem limites dos primeiros, e porisso só deles se pôde esperar o que de todo é impossivel negar ao povo reclamante.

Mas supondo mesmo um governo composto de representantes do operariado, a engrenagem do Estado seria identica. Porque esses operarios que tomassem parte no governo, depressa mudariam a propria attitude; a sua psicologia já não seria a mesma dos outros operarios não governantes, porque os seus interesses seriam antagonicos.

Uns seriam governantes, outros governados — opressores contra oprimidos; e finalmente seriam nns a casta privilegiada, contra outros, a classe dos parias.

O unico remédio eficaz e duradouro contra todas as iniquidades sociais, contra todas as injustias, contra todas as carestias — é a abolição do Estado e da propriedade privada.

E para que isso se consiga é necessario que os trabalhadores se organizem em sindicatos de resistencia e acção directa, sem admitirem que os politikeiros se insinuem nas suas agremiações, porque a emancipação dos trabalhadores só será efectiva quando fôr obra dos proprios trabalhadores.

A solidariedade operaria não conhece fronteiras nem patrias! Os operarios são todos irmãos em sofrimentos, são todos explorados, mal tratados, oprimidos, quer sejam brasileiros, italianos ou chinezes!

Patrias só existem duas: a dos explorados e a dos exploradores!

Eu conheço muitas familias de trabalhadores brasileiros que passam as maiores privações, a mais negra miséria! E conheço capitalistas estrangeiros que para satisfazerem o capricho de uma meretriz gastam dez contos num minuto!

Eis ai o contraste das patrias e do patriotismo!

Ora, para se eliminarem de vez estas revoltantes desigualdades, é mister organizarmo-nos, formando um bloco, para quando a nossa preparação o permitir, proclamarmos as comunas livres, federadas entre si, sem poder coercitivo, pondo em comum a terra e os instrumentos de trabalho, estabelecendo a igualdade economica entre todos, para que todos possam desenvolver a sua individualidade, para que não mais exista o antagonismo de interesses entre os humanos, para que todos possamos ser amigos e não inimigos como hoje!

Unamos os nossos esforços para construir a colmeia libertaria para a qual cada abelha fornecerá o mel segundo as suas forças, consumindo segundo as suas necessidades!

As lutas sangrentas e o triunfo das grèves

Nesta terra, como lá fora, o governo baseia-se na força, no direito do mais forte.

E tanto é assim que aqui como lá, ecoa iracundo o grito de revolta, apresura-se o Estado a responder-nos, em nome do capitalismo, com a descarga de suas carabinas.

Isto não é uma novidade; bem o sabem os amigos leitores. Entretanto, passando a maior parte do tempo, a gabar o que se faz lá fora, para afinal não fazermos nada ou quasi nada, quando um acontecimento qualquer nos escancara as portas da luta, lá vamos nós, ou nos chamamos livres pensadores, individualistas, ou o fim de fugir a fazer propaganda anarquista.

Estes sofismas e cobardias tiram um grande proveito os exploradores aqui da terra os quais imitam exactamente o procedimento dos exploradores lá de fora. Porque não imitamos o procedimento dos nossos companheiros tambem lá de fora? As ultimas grèves havidas aqui mesmo no Estado são o mais doloroso atestado do que fica dito.

Declarada a greve de tecelões, notava-se um entusiasmo delirante. Porém a greve foi perdida. Os grevistas tinham contra os seus inimigos temiveis, armavam-se muito fracos como sejam: a fome e a falta de uma causa mais.

Mas finalmente tudo isso de nada serviu. As fabricas em greve foram ocupadas militarmente, isto junto ao facto de serem os tecelões postos em marcha sem alhures, custou a perda da volta ao trabalho da greve e portanto os grevistas juraram morrer de fome antes que voltar ao trabalho nas mesmas condições.

Humilhados e insultados grosseiramente pelas gregas, os operarios tremem ao escutar a palavra GREVE! E' inutil falar mais a

coimbra a tão infames abusos por parte dos industriais, que após a perda da greve redobram a exploração.

Diante dessa situação por demais melindrosa, como agir? Como fazer desaparecer taes abusos, e forçar a ceder o capitalismo aquilo que abandonando o serviço os operarios não conseguiram? Ha alguém entre os grevistas que saiba o que é, e como se applica a sabotagem? E se após uma greve perdida, os capitalistas se vangloriam de ter humilhado os grevistas, estes, dão-lhe como resposta a sabotagem nos tecidos já acabados, no algodão, na seda, na maquinaria e enfim, na fabrica?

Segredos? Nisto não ha segredos; um pouco de boa vontade para estudar o meio mais eficaz para a applicar e verá como se produz o milagre... de fazer compreender ao capitalista que, ou cede ou se arruina.

E o que diremos da bem recente greve das docas de Santos? Como poucas vezes se viu nessa ocasião, toda uma massa de operarios vibrar de entusiasmo, porém tudo faliu; a greve perdeu-se.

Faltou-lhes a lembrança da sabotagem que é precisamente o primeiro que os operarios se deviam lembrar para as suas reivindicações.

De que valeu pois todo esse belo entusiasmo, coragem, tenacidade e união por parte dos grevistas, se nas mãos nada levavam, e no cerebro nada ou muito pouco? O que poderiam fazer esses operarios com seus entusiasmos, de fronte a tres mil baionetas e dos canhões de dois navios de guerra ameaçando destruir tudo? Poderiam mesmo assim fazer muito, mas não fizeram nada, ou muito pouco. Os trabalhadores francezes em tais circunstancias, foram igualmente sitiados pelas baionetas mas, em poucas horas arrenderam-se os capitalistas de ter mandado atropelar os operarios. Começaram a apparecer grandes cartazes avisando o publico não viajar nas linhas ferreas cujo pessoal estava em greve por estarem as mesmas sabotadas; nos depósitos que havia mercadorias e tinha sido declarada a greve appareceram mercadorias deterioradas no valor mil vezes superior a aquilo que os operarios reclamavam.

Conhecedores disto os capitalistas, fizeram retirar as forças, mandaram pôr em liberdade quasi todos os presos por causa da greve, acabando esta, com a victoria parcial para os operarios, não obstante esperarem a completada derrota. Para quem apelassem os bandidos das docas se tal acontecesse?

Para que serviam os couraçados, os milhares de baionetas e essa trêça de doutores com arranjos de jornalista que o polvo de Santos comprou para esmagar os operarios?

Já sei, haveria prisões, assassinados, desaparecimentos... mas, os efeitos da sabotagem ai ficariam.

Na greve dos sapateiros aconteceu cousa parecida.

Mas é que não pode ser d'outro modo. Vamos a suppôr que dos sapateiros em greve nem um só trabalha.

Se o caracter fôr violento, os patrões dispõem de quanta força precisarem a fim de impedir violencias com os fura-grèves. Se fôr pacifica pode-se prolongar alguns mezes se os operarios resistirem estoicamente á fome, emigrarem ou forem trabalhar d'outra profissão qualquer. Causa esta que pouco importa aos patrões. Assim sendo, é natural que pouco se preocupem com as grèves enquanto ellas forem simplesmente de cruzamento de braços.

E se as fabricas de calçados por conveniencia, quando se deu a greve assinaram aos operarios um documento pelo qual concedessem aquilo que lhes era reclamado e duas horas depois se negassem ao cumprimento? Onde está pois a garantia do triunfo d'uma greve? Não é na lei, já que esta foi forjada e mantida como expressão insolente do poderio do ouro, esmagando o esfomeado produtor. Seria a greve; mas para que a greve não seja uma serie de decepções é preciso que a acompanhe a sabotagem pois que uma massa falta de convicções de si propria, vindo em tudo o espectro da fome, irá rolando paulatinamente para o abismo do aviltamento mais infame, afastando-se por completa luta. Como pois devemos responder ás contiguas provocações por parte dos nossos exploradores?

Esforcem-se os operarios onde quer que seja que trabalhem para que o burguez compreenda que aos mais infimos atropelos ou infamia que cometa com um operario será saboteado seja o serviço que fôr.

E desse modo diminuirão as lutas sangrentas e triunfarão mais grèves, isto é fazer greve mas sabotar.

E. R.

Evolução e Revolução

— DE —

ELIZEU RECLUS

Obra de critica e doutrina anarquista, com 150 paginas, nitidamente impressa em optimo papel e cuidadosamente traduzida pelo camarada Neno Vasco.

Em venda para beneficio do jornal, nesta administração, ao preço de 1\$500 cada exemplar.

N. B. — Os pedidos devem ser dirigidos a R. Felipe, caixa 134, S. Paulo. Expedição pelo correio franco de porte.

DE PORTUGAL

Contra a emigração para o Brazil

Uma palestra com o enviado da Confederação Operaria Brasileira

Na quinta-feira passada, quando se preparava para realizar a sua conferencia sobre a emigração operaria para o Brazil, tivemos occasião de conversar, na Casa Sindical, com o companheiro Antonio Vieites, enviado da Confederação Operaria Brasileira, com sede no Rio.

— «A. C. O. B. — explicou-nos elle, — agrupa, fóra de todos os partidos politicos como a C. G. T. francesa, Sindicatos operarios principalmente dos Estados de São Paulo, Minas, Paraná e Rio Grande do Sul. No Rio, desgraçadamente, ao lado dos sindicatos federados e confederados, ha numerosas associações nas mãos de advogados e de politicos... heremitas, isto é, governamentais! Ha ali uma porção de presidentes bem pagos que exploram essas associações...»

«E' no Estado de S. Paulo que está o grosso dos sindicatos confederados, sobretudo em Santos, Barcelona brasileira. Na capital do Estado, houve uma organização sindical activa e florescente, que realizou importantes movimentos em 1906 e 1907, conquistando sensiveis melhoramentos, especialmente redução de horas; mas, após uma repressão selvagem e desenfreada — sem sequer o freio de parte da opinião e da imprensa, — só agora é que começa a renascer a actividade sindical, nomeadamente entre os graficos e os sapateiros como o demonstrou a tenaz greve duramente ganha parcialmente pelos ultimos, há pouco.

«Em Santos, vencidas certas dissensões entre operarios, pôde solidamente organizar-se em sindicatos toda a classe trabalhadora, toda, inclusive os telefonistas, homens e mulheres. Iniciou-se então um periodo de greves rapidas e enérgicas, tão necessárias para melhorar um pouco as até ali intoleráveis condições de trabalho.

«O pior — continuou o companheiro Vieites — foi quando chegou a vez dos trabalhadores do porto, isto é quando os operarios tiveram de enfrentar a poderosa Companhia das Docas, assim como os interesses dos commissários de café e dos fazendeiros que dominam, no Estado de São Paulo e até no Brazil... A cidade de Santos foi inundada de tropas... Vieram dois couraçados... Prisões, espancamentos, assaltos, espulsões sem processo... As violencias foram inauditas...»

E com documentos, manifestos de confidenciaes espanhóis, jornaes, Vieites citou nos preparativos, cuja narração, junta á das infamias, estorções e maus tratos nas fazendas e nos carregamentos de imigrantes, fez depois saltar assombrosas e indignadas exclamações ao publico que enchia a ampla sala.

Proseguindo, o delegado da C. O. B. diz nos: — «para operar mais á vontade, o fazendeiro e politicos de S. Paulo obtiveram dos poderes federais uma lei de expulsão, que suprimiu todas as excepções antes existentes: residência superior a dois annos, filhos brasileiros, esposa brasileira... Qualquer estrangeiro, acusado ou suspeito de «perturbador da ordem» é sumariamente expulso...»

— Entretanto, os naturalizados... iamos a dizer.

— Nem esses escapam! atalhou-nos imediatamente. Demais, até um brasileiro nato pode ser expulso (sem contar os menores, filhos de estrangeiros), pois a lei não admite apelação alguma, não admite sequer o habeas corpus... que afinal pouco vale, pois a policia sabe sempre iludi-lo. Assim requerendo se habeas corpus em favor dos primeiros expulsos, a policia respondeu que os não «tinha, limitando-se a muda-los de «posto policial» ou de cidade... Eu fui um deles...

— E' boal dissemos nós, pensando, com um sorriso, no projeto do sr. Mendes de Vasconcelos...

— A lei de expulsão — prosseguiu Vieites — vai servir admiravelmente aos fazendeiros para se livrarem das reclamações dos colonos que, tendo subido o preço do café, começam a pedir infimos melhoramentos nas suas tristes condições de vida.

— Qual é, pois, o seu plano, nesta excursão pela Europa?

— O meu fim é interessar por esta questão as organizações operarias e os partidos populares, para que chegue aos ouvidos de todos que não devem absolutamente emigrar para o Brazil, em quanto la vigorarem as actuais condições economicas e politicas... Eles precisam lá de emigrantes: hão de trata-los então como se tratam homens, como eles prometem aliás na sua Constituição... Afinal, só em caso extremo se deve emigrar. Em geral, so os cobardes e os iludidos emigram: que os trabalhadores se organizem, que lutem, que digam: «Isto aqui é nosso!», mas não emigram, caramba!

Neste momento, o nosso amigo Cristo — em carne e osso, não o que nunca existiu — veio dizer a Vieites que devia dar início á conferencia. A sala, repleta, aguardava-o.

Que os nossos camaradas ouçam o que elle diz e que o ajudem na sua tarefa! (da TERRA LIVRE).

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

ABBONAMENTO PER ILBRASILE

AMMINISTRATORE: R. FELIPE

ABBONAMENTO PER IL BRASILE

Annuale 10\$000

Per tutto ciò che concerne il giornale, scrivere alla CASELLA POSTALE, 134 — S. PAULO-BRASILE

Semestrale 6\$000

In pieno manicomio criminale

Immigrazione, carestia e... espulsioni

I padroni del Brasile hanno perduta la testa e i «fazendeiros» dello Stato di S. Paolo spuntano verde. Poveracci: gli affari di casa vanno alla rovescia, il caffè ribassa, il credito fa delle smorfie, e gli immigranti non arrivano, neppure a tirarli per i capelli. Capirete che per una nazione d'ingordi che ha prosperato sulle ricchezze naturali fatte fruttare mercé il genio e il braccio degli straccioni stranieri, dover pensare da sé stessa ai casi proprie chiedere alle proprie energie il pane di tutti i giorni e quel tanto per pagare gli interessi dei debiti contratti, non è cosa da prendersi alla leggera...

Figuratevi un «figlio di buona famiglia» che arriva a mezzo il cammino di sua vita sperperando a larghe mani il patrimonio avito e contando sul lavoro dei suoi servi figuratevi da un giorno all'altro ridotto, a doversi guadagnare la vita e ridurre i propri vizi!... Che farà?... Si strapperà i capelli, batterà i piedi e cacciando urla da dannato, si darà ad imprecare agli... anarchici che non vogliono più lavorare a ufo per lui e per le sue concubine. E lo stesso han fatto i padroni del Brasile...

Il caffè ribassa?
Abbasso gli anarchici!
E' opprimente la carestia della vita?

Fuori gli anarchici!
Gli immigranti non vengono più?
Morte agli anarchici!...

Curiosi questi signori padroni del Brasile!... Hanno fatto il possibile e l'impossibile per dare in pegno il «loro» paese a mezzo mondo, hanno fatto di tutto per screditare se stessi ed i loro ordinamenti politici ed economici; hanno reso la «fazenda» una bolla, hanno fatto macello delle pubbliche libertà, hanno pulito il loro tafanario rovinato dai preti con tutti i fogli della Costituzione... e, poiché è successo quello che naturalmente doveva succedere, invece di rinsavire, di cercare il mezzo adatto per riacquistare un poco di fiducia, che ti fanno?... ricorrono alla polizia perché questa rompa le costole agli anarchici...

Carini questi «caciques» in frak!

E dove pretendono arrivare con le loro donchisciotte di nazionalisti da opera comica?...

Intanto è da prendersi in considerazione un fenomeno assai curioso. Nei paesi latini che forniscono gli schiavi bianchi al Brasile, forti apologeti di questo non si sono rivelati che i clericali.

Ed una tale solidarietà è proprio sintomatica; poiché i sostenitori della Santa Inquisizione

prendono tanto a cuore la difesa del paese che ci tiene a conservarsi fedele — non ostante tutte le ladronerie e canagliate... democratiche — ai sistemi feudali, vuol dire che sanno quel che si fanno e che la causa che difendono è la «santa causa», quella cioè della schiavitù, del privilegio e dell'ignoranza.

Morte, dunque, agli anarchici e viva i preti!

Ma non saranno i preti che andranno a lavorare nei «cafezaes» e non saranno neppure gli allegri pennivendoli che da un paio di settimane chiedono la nostra testa, quelli che daranno nuovo incremento «à lavoura e à industria». E non saranno le «cotes» che pageranno i debiti del Brasile.

I padroni del Brasile, gl'ingordi sfruttatori ed i crudeli oppressori del proletariato, indigeno ed esotico, perché abbondavano di denaro... preso in prestito, credevano che facendo la felicità di qualche diplomatico aiutato dalle inchieste fatte, ad occhi tappati da lire sterline, da qualche spia, credevano di poter dare ad intendere lucciole per lanterne e mentre da una parte votavano una legge per espellere dal territorio brasiliano sotto diversi pretesti, quei lavoratori che avendo conosciuto a fondo l'«ospitalità» che qui si gode se ne sentivano stanchi e non più disposti a lasciarsi pelare, dall'altra tentavano con arti subdole gli chiamare centinaia e migliaia di nuovi immigranti promettendo loro di far toccare il cielo con le dita.

Ma per diverse cause il giuoco non è riuscito... ovverossia, è riuscito in senso opposto. Ha affrettato un'insurrezione generale, nei paesi latini, contro la più grande repubblica sud-americana che vuole lavoratori senza loro garantire né il salario, né la libertà, né la vita.

Vero che non è mancato qualche «piccarolo» che per moneta sonante ha compiuto l'atto eroico di prendere le difese degli schiavisti... Che volete? La fame ed i vizi spingono a molte bassezze... Però alle voci rauche dei prezzolati difensori nessuno ha dato importanza... neppure quelli che le pagavano.

Era dunque il caso di fare macchina indietro, abbandonare i ciarlataneschi sistemi di una propaganda che i fatti non confortano: era dunque il caso di pensare seriamente ad un esame di coscienza e mettere la testa a partito.

Invece i padroni del Brasile hanno perduto subito la tramontana. Sono andati in bestia ed hanno ordinato alla polizia di prendere le più energiche misure...

Il pretesto c'era: l'agitazione per la carestia della vita.

Preso alla sprovvista il presidente della Repubblica, dichiarò che la carestia era un fatto doloroso e bisognava provvedere. Poi ci pensò meglio su ed affermò che la carestia della vita era il risultato della propaganda... anarchica contro la quale bisognava applicare inevitabilmente la «lei paulista».

Quando il capo di una nazione si esprime così... è inutile perdere tempo a voler discutere sulle condizioni del paese ed a cercare una via di soluzione all'urgente conflitto economico.

Di fronte alla brutale asinità dominante non resta altro da fare... che preparare le valigie, aspettando che la polizia si decida a comprarci il biglietto d'imbarco.

g. d.

Onore al merito

Il Professore Antonio Piccarolo, avvocato delle cause sbattute, non contento di essere stato ad unanimità di voti eletto presidente onorario dell'Unione dei Viaggiatori Italiani, aspira adesso ad essere eletto venerabile della Loggia Antica Roma, del cui tempio è una delle più poderose colonne.

Facciamo voti perché anche questa nuova ed importante onorificenza gli sia accordata, come degno alto di stinca all'italiano sublime che tanti servizi ha reso alla Patria, alla Scienza, alla Democrazia ed all'industria delle carole nazionali.

Sappiamo anche che l'«Unione dei lustrascarpe» ha mandato a decorare per l'egregio uomo una pergamena di onore, la quale gli verrà offerta il giorno in cui l'egregio professore andrà a sostituire nella direzione del Fanfulla il signor Giovannetti, al quale la nostalgia dei patri... lari, consiglia abbandonare un posto nel quale si è coperto di gloria.

I sicari della penna

I pederasti, i bordellieri, gli alcoolizzati che in questo paese dirigono l'opinione pubblica, per mezzo di questi scaricatori della corruzione privata e cittadina, che sono i quotidiani del mattino e della sera, organi dei grandi sindacati, delle losche accomandite e della polizia, in questi giorni, dopo aver soffiato a gonfie gannas sulle fiamme della popolare agitazione contro il caro-vivere, d'un tratto, dimenticando le tribuazioni pose ed il sovversivo vocare, sono tornati alla prosa poliziesca, a mille prosa di mantengoli analfabeti, infornata dalle solite quattro frasi a sensazione dei reporters che sono notoriamente mantenuti dalle belle donne e dai fondi segreti.

Nel primo paese del mondo, nella più democratica di tutte le repubbliche il giornalismo inteso come portavoce di cittadina difesa, di propulsore del collettivo progresso, di araldo della libertà, di correttivo agli abusi del governo... è un mito, come lo è il giornale che sostiene un principio e sia l'eco di un partito organizzato su di un programma politico.

Il giornalista in questi paesi deve essere un arlecchino a tutto disposto. Più il

suo stomaco sarà forte e più sicura avrà la mercede.

Nessuno gli chiede da dove viene e poco importa se ha divorziato con la grammatica ed il senso comune.

I patti che gli vengono proposti, sono su per giù quelli che legano le associazioni a delinquere.

Deve rinunciare alla propria personalità. Onore, pudore, dignità diverranno per lui espressioni rettoriche.

Farà di tutto: magari il sicario; quando è del caso la spia e quotidianamente il ruffiano.

Avrà sempre due morali, una per i ricchi e l'altra per i poveri.

Giudicherà dei fatti secondo l'ordine; si entusiasmerà secondo la paga; cambierà di opinioni col mutar di stalla.

Affermerà oggi quello che ha negato ieri e viceversa: purificherà i banditi e ludibrierà gli onesti.

E terrà il sacco a tutti gli esclusi dalla famiglia dei galantuomini: umile come un sagrestano, ingordo come una vecchia ciana, vile come un confidente.

Entrando nel giornalismo in queste terre, si entra nel pattume e si passa ad essere iscritti nell'ordine degli invertebrati, nel novero di coloro che rendono tutti i bassi servizi e tutte le fosche azioni, che questa mattina voteranno un orinale e questa sera accolleranno a tradimento un disgraziato qualunque per quattro baiocchi.

Perché meravigliarsi adunque se di fronte ad una fiera agitazione popolare, la stampa cittadina, dopo aver fatta la parte dell'agente provocatore, seguendo i calcoli della polizia, d'un tratto, per ordine di questa, si scagliano contro coloro che parlano nei comizi, additandoli alle rappresaglie teppistiche della poliziotaglia indigena?

Chi è qui in S. Paolo che ignora in quali mani è affidato il giornale che il pubblico legge per farsi un'opinione?

Pederasti più conosciuti di una Maria Giovanna qualunque; falsari, imbroglioni briachi cronici, confidenti di polizia e raccoglitori di spiccioli nel fondo dei pandemonici boudoirs!

Questi i campioni della stampa locale. Questi i calunniatori degli anarchici, gli sparafulci che insidiano alle pubbliche libertà, in nome dei loro appetiti di gente corrotta e servile.

Che non debba venire il giorno in cui una scarica di proiettili randellate paghi loro gli interessi delle losche azioni di cui si diletano?

AUSONIO ACRATE

Ruy Barboza e a «lei paulista»

Ruy Barboza — «a aguia» — che durante la discussione e la votazione della «lei paulista», ha fatto il morto, s'è rivelato d'un subito avversario deciso degli arrabbiati «nativistas» ed ha protestato in nome della costituzione, ed altre cose, contro la legge di espulsione applicata.

Un bel gesto e che ha lasciato molta brava gente sorpresa!

Sincero però!?

Nient'affatto. Ruy Barboza con la sua protesta s'è dichiarato d'un tratto contrario all'opinione prevalente presso i suoi consorti dello Stato di S. Paolo.

Non sono stati forse i suoi amici «civilistas» di questo Stato ad imporre al congresso federale ed al governo dell'Unione quella legge contro cui egli, Ruy Barboza, capo ostensivo dell'oste «civilista», oggi protesta?

Perché e come mai questo gesto contraddittorio, del padre eterno del «civilismo», con l'azione

reazionaria dichiarata dalle più agguerrite falangi del partito?

Un atto d'indipenza e di coerenza?

Manco per sogno!

Ruy Barboza un tempo si professò chiososamente libero pensatore. Candidato però del glorioso partito «civilista» per accaparrarsi i voti del partito clericale, si riconciliò con la santissima religione dei nostri nonni.

Nella vita politica di Ruy Barboza coerenza ed indipendenza sono modi di dire e sarebbe da fanciulli prenderlo a serio, oggi, in questo suo nuovo atteggiamento.

Tutti ne sono convinti. La protesta di Ruy Barboza contro l'applicazione della «lei paulista» è un gesto di dispetto. E', non la difesa presa a cuore delle classi lavoratrici, non l'insurrezione contro i violatori delle cittadine libertà, ma uno schiaffo ai suoi amici di ieri, ai suoi sostenitori dello Stato di S. Paolo, in procinto di gettarlo a mare per calcolo politico.

Il partito «civilista», di questo Stato, giocando ai compromessi col governo federale e col partito dominante nella repubblica s'è impegnato, stando a quando trapela, di non affermarsi più nelle prossime elezioni presidenziali nel nome di Ruy Barboza e costui, vendicativo come madre natura lo ha fatto, si rende paladino delle vittime delle oligarchie dei «fazendeiros» semplicemente per rappresaglia.

Ed io non mi meraviglierei punto, se il completo ostracismo dei suoi partitari lo colpisse, di vederlo anche dichiararsi anarchico.

Ruy Barboza vuole che si faccia del chiasso intorno al suo nome ed il sogno suo è quello di morire presidente della repubblica.

Il giorno in cui avrà perduta la speranza d'insediarsi al «Cate», o si unirà coi monarchici, o proclamerà la necessità di una rivoluzione per farla finita col principio di autorità.

Ed a queste conclusioni lo vedremo venire, parolaio come sempre, sofista impagabile, senza altro contributo morale se non quello della sua immensa vanità.

Hanno torto perciò quelli che si entusiasmano per le sue belle frasi e per il suo bel gesto.

I partiti rivoluzionari mai devono contare sull'azione nient'affatto sincera dei politicanti: l'interesse maggiore essendo sempre quello di averli contrari, poiché sono soltanto maestri di deviazioni e di tradimenti, altro non avendo essi di mira che il trionfo del proprio io come entità dominante ed oppressiva.

GIGI DAMIANI

Brevemente

Grande festa libertaria

La settimana di passione del "Fanfulla,"

Il reporter de «Fanfulla» deve avere il cuore molto tenero per i soldati di polizia.

Infatti in una notizia di cronaca del 20 corr. egli ci narra di un povero soldato, tal Luigi Maria, vittima di una brutale aggressione, nella rua Anhaia, da parte di quattro sconosciuti che lo disarmarono, bastonarono e rivoltellarono... a vuoto.

E povero soldato di qua, e disgraziato soldato di là...

Quasi quasi, viene voglia di offrire alla vittima del dovere (ovverossia della pigna) un premio di consolazione.

I fatti però si sono svolti un po' diversamente da quello che il «Fanfulla» vuol dare ad intendere... perché Piccarolo non sia smentito.

Apriamo lo «Estado de S. Paulo» dello stesso giorno e leggiamo una versione più verosimile. E badate, si tratta di gente che ha più interesse del «Fanfulla» alla navigazione diretta!

Il soldato Luis Maria embriagou-se e nesse estado de perturbação, fallou de respeito a uma mulher... Na mesma ocasião intervieram quatro populares em defesa da mulher, arrebatando o sabre do soldado e ainda o revolver que tinha a tiracolo...

* Presa la meritata lezione, il bravo soldato Luis Maria, andò a medicarsi alla Centrale... tendo ordem de se recolher preso, por lhe caber a maior responsabilidade no acontecimento.

Altro che premio di consolazione! Noi commossi mandiamo un saluto a quei quattro cittadini per l'opera meritoria da loro compiuta.

Se tutti agissero così la tracotanza poliziale avrebbe un limite... Vero che al «Fanfulla» non resterebbero più lacrime da versare sulle povere vittime della pigna!

Se pensate poi che il «Fanfulla» ha la missione storica di fare il piagnone ad ogni morte di re... dovete riconoscere che per fare l'untorello in quel giornale bisogna essere proprio di zucchero d'orzo.

Poiché nella stessa settimana che un poliziotto prende le busse, può anche darsi che un re riscuota gli incerti del mestiere... come è accaduto questa settimana, e allora il giornalista fanfulliano, perfetto, deve stemperarsi in giulebbe.

E noi ci figuriamo quella fiera anima di carbonaro di Attilio Turchi con le cataratte spalancate sul telegramma annunziante la morte immatura di Giorgio di Grecia, quello che nel 1897 giocava al rialzo della rendita turca, mentre i volontari italiani e d'altri paesi giocavano la vita per un Ellade Sacra... andata a male.

Ah! come è doloroso il dovere d'ufficio!

A. T. che ha giurato su i pugnali sguainati, lo sterminio dei tiranni, la distruzione di tutti i troni... ridotto per quattro soldacci a far da prefica sul cadavere di un re da operetta di cui l'ambizione volle fare un eroe dello sterminio e del saccheggio, dopo averne fatto un rapace oppressore del suo popolo!!...

Ah, povero Turchi a che ti sei ridotto! A strillare: E' morto il re, viva il re! e a strillarlo dal lupanare della rua Boa Vista...

Ma perché non vai a fare lo sciacqua-piatti?

CUYUM PECUS

L'uccisione d'uno sterminatore

Gli occhi oggi, signori cavalieri, si stropicciano con la cipolla; è d'uopo salvar l'onore dell'umanità: un re, un re Danese come il principe Amleto, ma re di Grecia, è morto rivoltellato a Solonico.

Il pianto — o valorosi cavalieri della pietà — è oggi un obbligo sociale internazionale. Non importa se questo re per ripulire l'Epiro dai Mussulmani ha lanciato le sue orde assassine sulle donne e sui fanciulli. Non importa se il danese sire dei Greci strozzini, abbia voluto distruggere ogni traccia d'umanità mussulmana dai suoi nuovi territori conquistati. I re, così comanda il Dio dei cristiani, sono magnanimi soltanto quando fan mettere spietatamente le vite umane che sono d'ostacolo alla loro cupidigia di potere.

Cosa importa, infatti, che il danese re della Grecia, abbia in un mese, nei villaggi di Salonicco fatto distruggere, senza distinzione d'età né di sesso, ventimila vite umane?

Il piombo e il fuoco erano gli elementi della sua ragione; il piombo ed il fuoco sono stati gli elementi della sua morte.

Mano alle cipolle, o prodi cavalieri di Cristo, che le lagrime degli occhi vostri inondino le nuove terre cristiane: il re della vittoria è morto rivoltellato.

Chi ha ucciso il vecchio sire? E cosa v'importa? La giustizia vera, incoercibile è sempre anonima, non aspetta ordini, non chiede consigli, non va in cerca di una corona di allori, ma sfida un laccio di corda.

Date un nome a questo vendicatore di centomila vittime umane e una forca, altro non pretende, altra non è la sua ambizione. Il nome glielo darà la storia, il laccio al collo glielo metterà il boia del nuovo re.

Non tutti gli uomini sono ancora regie bestie, e speriamo che tutti non lo diventino mai! Un tal destino sarebbe troppo crudele per l'umanità. La rivoltella che si misura ai cannoni è una grande audacia, un'audacia salvatrice e vendicatrice. Un re glorioso ha perso tutti i sentimenti umani, ha ubbriacato una nazione di sangue: un anonimo sorge e affoga il re nel proprio sangue. E' una fatalità. Il sangue di centomila trucidati non basta mai per affogare un re, ma il sangue del re basta per affogare lo stesso re.

Conoscete voi gli eroi moderni? Un gregge interminabile di banditi sanguinari. Briganti i turchi, briganti i serbi, briganti i greci, briganti i montenegrini. Questa non si batte per la propria libertà, è gente che si scanna reciprocamente per ribadirsi ai polsi le catene dei loro re. Non è un gran popolo che si batte per riconquistarsi in un amplesso più vasto di libertà sociale: sono quattro armenti che si battono per negare la propria coesistenza oltrepassando il proprio diritto e calpestando il diritto altrui. Nessuno più parla in nome della ragione, ma tutti scannano in nome della forza delle armi. Quello che più ha versato sangue, prescindendo dalla ragione, pretende più terre. Dov'è la ragione degli uni e degli altri? Lo vedremo alla spartizione. La guerra vera comincerà allora.

Duecentomila morti intanto non hanno commosso nessuno: un re sterminatore di inermi è stato abbattuto sul campo delle proprie carneficine, i prodi campioni della morale del macello chiedono al mondo torrenti di lagrime.

Chi era questo re? La guerra greco-turca del 1897 gli tolse la maschera. Mentre greci e turchi si scannavano nella Tessaglia e nell'Epiro re Giorgio guadagnava milioni giocando al rialzo della rendita turca. Suo figlio Costantino — il nuovo re — scappava, ed i turchi erravano alle porte di Atene.

I turchi allora non furono feroci coi greci, ma oggi i greci nei territori conquistati ammazzano tutto quel che c'è di vita turca; e questo han fatto per ordine del loro re.

Un pazzo (oggi le poche anime sparse che insorgono contro i macellai d'uomini son tutti pazzi) ha abbattuta questa testa coronata, ed io credo che abbia fatto bene. Sia gloria a questo pazzo audace!

Io gli mando il mio reverente saluto.

ACRATIBIS

Nel paese dei matti

Ci capite qualche cosa? In Rio de Janeiro i civilistas fanno l'agitazione contro il caro viveri, ed in S. Paolo la fanno gli hermistas ed a tal uopo organizzano un partito operaio elettorale.

I civilistas di qui, dopo avere ottenuta a lei paulista ed aver dato mano alle più inconcepibili espulsioni, tengono la polizia al guinzaglio aspettando il momento opportuno per lanciarla ferocemente addosso ai lavoratori... stranieri.

Nella Capitale Federale i civilistas per la bocca del loro duce supremo, Ruy Barbosa, l'uomo dalle opinioni a molla, protestano non solo contro l'applicazione di quella legge, ma anche contro lo spirito di essa.

Ci capite qualche cosa?

Unanimità i giornali — di governo e della opposizione — hanno incitato il popolo a commuoversi ed agitarsi per la carestia della vita. Abbiamo letto cose... che noi mai abbiamo scritte. Contumelie al governo, accuse al monopolio e perfino inviti alla rivoluzione... Tutto in un linguaggio proprio... tropicale. Bum! Pam! Zaa!...

Ebbene, appena il popolo s'è radunato in comizi per gridare la sua protesta... unanimi i giornali hanno... pubblicato le informazioni della polizia, dichiarando artificiale l'agitazione e provocata dagli... anarchici.

E questa volta ci si capisce abbastanza. Il giuochello è chiaro come acqua distillata.

c. p.

Riflessioni d'uno sfruttato (A tutti i venduti)

In questo paradiso degli stipendiati coi fondi segreti, si annuncia una burrasca.

Tutti i pomposi articoli elencati nella famosa Costituzione repubblicana sono stati aboliti in danno del proletariato. I lavoratori sono stati precipitati ad un livello più basso di quello degli schiavi di non ancora vecchia memoria nel paese. Per essi non vi sono diritti né leggi: soltanto degli obblighi: lavorare e soffrire.

Leggete e ditemi se, in referenza al polo, questo famoso articolo della Costituzione non vi pare una vera canzonatura:

« Art. 57 — La Costituzione assicura a tutti coloro che risiedono nello Stato la inviolabilità dei diritti d'uguaglianza, libertà e sicurezza, ecc. »

« § 3 — Tutti i cittadini sono eguali dinanzi alla legge. »

Spudrata menzogna! In questa grande Mecca cattolica non esistono diritti proletari. Quelli che hanno un solo obbligo: quello della obbedienza passiva verso tutte le autorità, e verso tutti quelli che sfruttano a sangue e spogliano i loro simili spietatamente.

N'è crediate ch'io parli a vanvera. Ecco una prova delle mie asserzioni.

L'industria (leggi furto legale) che oggi si allarga e progredisce in questo Stato, è venuta su dal nulla, o per meglio dire unicamente dal lavoro degli operai miserabili che sono valutati un bel niente. Non esiste una industria che sia stata iniziata con capitali già realizzati altrove: l'industria qui rappresenta generalmente un geniale sistema di furto continuato. Iniziata generalmente da canoni audaci, da avventurieri senza scrupoli, con piccole fabbriche e piccole officine, a metter l'ossa dure ci pensa stritolando i proletari — uomini, donne e bambini — senza misericordia. Vi sono dei grandi stabilimenti che sono nati unicamente dal sangue proletario e che oggi dettan, dopo avergli fatto concorrenza nella fabbricazione della moneta, legge al governo. Gli umili principi dell'industria in questo paese sono sempre identici: l'avventuriero comincia con nulla, gioca una carta: se va male non paga gli operai; se va bene li paga a tempo e a comodo, però sempre malamente a piccole rate: pagano infine col loro sudore dall'inquisizione cattolica per far morire lentamente le proprie vittime. Naturalmente le promesse di futuro benessere agli operai (promesse sempre tradite) entrano nel programma di questo malandrino.

I ladri d'opera poi finiscono per trionfare. Gli operai lavorano quasi per nulla ed essi si divertono. I paria lasciano nelle gallerie dell'industria brandelli di vita, e i malandrini conquistano grandi fortune.

Ora io domando: Quali delle tante decantate leggi hanno mai protetto la vita e gli averi dei lavoratori, contro i grossi ladri?

Questo in tempi normali. In tempo di sciopero i padri diventano violentemente traggici.

I padroni si tengono tutto il salario dei lavoratori e accedono con le autorità, per dividerselo a lotta terminata... con la sconfitta obbligatoria degli operai; ai quali non è mai nemmeno concesso il diritto di battersi per le proprie ragioni in faccia ai ladri.

Lo sciopero avvenuto circa quattro anni orsono nel vicinato Santa Marina informi.

E col progredire delle grandi fortune di pari passo, progredisce anche la miseria del proletariato.

Mai come quest'ora di fioritura di grandi ricchezze la vita dei lavoratori è stata truccata e malgrado il capo dei birri di S. Paolo abbia detto: « A vida é facil né paiz para o operario; as greves e o socialismo não têm razão de ser aqui » per dar valore a questa sua filosofia egli abbia anche fatto espellere dal paese una ventina di operai di Santa Maria occasione dello sciopero avvenuto ultimamente in quella città — mangiata tutto ciò il proletariato continua a lavorare e a soffrire la fame.

Qui ha tanto ragione d'essere lo sfruttamento, la violenza bestiale, e la persecuzione feroce dei « fazendeiros », degli aristocratici e delle autorità contro i lavoratori.

E' la ragione d'essere del delitto legale in tutto il paese, stupro, assassinio — delitti praticati impunemente da preti, poliziotti e padroni.

Tutti i camorristi e camorristi d'alto rango fanno strazio della vita dei lavoratori. Gli uomini della legge, i reggitori della cosa pubblica reggono i padroni di casa radloro il saccheggio perché la municipalità le imposte, non in ragione del valore effettivo della casa, ma in ragione di quello che riscuote. La carne è rincarata enormemente; lo zucchero vale tre volte più di prima; il pane non si sa più quanto costa; pesa più la moneta colla quale lo pagate che il pane stesso.

Il più edificante è poi che i maggiori accaparratori di case, organizzatori di trusts affamatori, sono precisamente gli amministratori pubblici; quelli stessi che dovrebbero mandare in galera i ladri, cioè se stessi.

Le persone interessate e quelle in malafede, compresi i birri, dicono che qui si sta bene perché c'è molto lavoro... Ne convengo anch'io: però in cambio di molta miseria, di molti stenti, di soverchia e micidiale fame.

Prima di questi due anni un discreto operaio poteva guadagnare 60000 al giorno. Oggi ne può guadagnare anche 75000; però quei venti o ventiquattro mil reis di più che prende al mese, non gli bastano per far fronte al solo aumento della pignone di casa; giacché la casetta che prima si aveva con una pignone mensile di 405000, ora non la si ha meno di 705000 al mese.

Di modo (e questo soltanto le carogne, i ruffiani, le spie ed i venduti possono disconoscerlo perché non sanno cosa costa la vita) che l'aumento della mano d'opera è irrisorio, burlesco, tenendo calcolo del rincaro dell'affitto di casa e dei generi di primissima necessità.

Dunque da queste novità si deduce: O voi mangiate molto meno di prima in rapporto ai prezzi, o vi sentite dei commestibili, e abitate due sole stanzucce in otto o più persone di famiglia, o mangiate quanto prima e vi riducete a vivere in una fogna, carichi di debiti e di miseria.

LUCIFERO.

Un puntello dei Borboni

(Note per il futuro)

Nella Spagna clericale ed anticlericale sono nuovamente alle prese. La democrazia al governo ha trovato un nuovo diversivo: la libertà dell'insegnamento!

Naturalmente tutte le beghine che non sanno leggere e scrivere sono scese in piazza. Era quello che si voleva. I partiti sovversivi difronte all'assommo clericale... hanno dimenticato tutto il resto.

Il successore di Canalejas, non è inabile.

La monarchia ha in lui un consolidatore molto astuto. Altro che Maura! Alfonsito non è poi tanto stupido come a prima vista appare. Egli ha capito i tempi e sa che come valvola di scappamento l'anticlericalismo merita il brevetto ed il premio fuori concorso.

Ma chi è poi questo Romanones che puntella democraticamente il trono di Spagna?

L'Avanti di Milano, mesi orsono, dopo la scalata al potere di quel signore, di lui, così scriveva:

Sotto la imminente minaccia della rivoluzione, lo Spiombi della Spagna « si è gettato a fare della democrazia », usando del Romanones come di un Giolitti; e il nuovo presidente del Consiglio apparisce come il rigeneratore del paese.

Merita dunque di essere presentato.

Il conte di Romanones, grande di Spagna, fratello del duca di Tuvar, appartiene all'alta aristocrazia; arcimilionario, grosso proprietario di terre, presidente di numerose società industriali e finanziarie, è un autorevole rappresentante degli uomini d'affari, degli speculatori e dei banchieri. A lui deve la Spagna la disgraziata avventura del Marocco; ministro degli affari esteri nel 1904 negoziò e concluse con la Francia, ministro il Delcassé, il trattato segreto del Rif, che tanta ripercussione ebbe nella politica interna del paese.

V era di mezzo lo sfruttamento, delle miniere — una di esse, la miniera del piombo dei Beni-Sifour, appartiene al conte di Romanones — a cui si ribellavano gli indigeni. Bisognava quindi imporre la civiltà con le armi alla mano: e il Gabinetto Maura inviò a Melilla un esercito di 40.000 uomini. E' noto il resto: le sanguinose sconfitte degli spagnuoli, il richiamo dei riservisti in Catalogna, l'insurrezione di Barcellona, la selvaggia repressione e l'assassinio del Ferrer nei fossati di Montjuich.

Tutto questo per gli interessi della civiltà e delle miniere piombifere.

Tale, in brevi linee, l'equivoce personaggio che è riapparso d'un tratto sulla scena a recitare la commedia del riformatore, colla maschera dell'uomo moderno che ha compreso i tempi e le nuove aspirazioni. Il trucco e lo stesso, che vale in tutti i paesi: una sfilata di riforme sociali — per-

sino il Ministero del lavoro — con contorno di anticlericalismo, e il laccio al collo, laccio dorato, laccio di corte, a quelle poche belve sover-sive che vogliono gustare le gioie e il benessere dell'addomesticamento.

Come medaglione è sufficientemente espressivo e come documento storico abbastanza importante.

Esso ci rivela molte cose di ieri e di oggi preparando la giustificazione per il domani. Ecco perché l'abbiamo riprodotto.

Il nostro riscuotitore è tornato sulla panti-sta: egli percorrerà in questi giorni la zona percorsa dalla linea anarquarense, passerà poi sulla douardense.

Gli abbonamenti alla Barricata o Germinal s'intendono cumulativi.

Coloro che pagavano anticipato l'abbonamento alla Guerra Social che si pubblicava in Rio de Janeiro, riceveranno il Germinal! gratuitamente per tutto il tempo che avrebbero dovuto ricevere quel giornale.

Da varie località della Noroeste amici le cui informazioni devono sfuggire ad ogni dubbio ci scrivono confermandoci il passaggio di bande di deportati spinti verso gli estremi limiti dello Stato a popolare un territorio dove le febbri fanno macello, tra i buques e le bestie forci.

Una volta sola ne furono contati oltre settanta; generalmente passano a gruppi di quindici o venticinque, scortati dai poliziotti armati fino ai denti.

Vi sono tra quegli infelici padri di famiglia; e la maggior parte hanno aspetto di lavoratori colti dalla razza poliziesca mentre tornavano dall'officina.

Da dove vengono?

E' difficile dirlo poiché è difficile avvicinarli. Probabilmente molti di essi figurano tra gli scomparsi che la polizia delle città finge di ricercare.

Dove li portano?

Questo si sa.

Li portano lontano, verso la schiavitù, la morte a solidificare con le loro ossa il tracciato della strada strategica...

E questo i sanfedisti governatori di queste terre lo chiamano popolare e civilizzare...

Ah! popolo vile.

Avviso agli eretici

Lodato sia il signore! Le monache torneranno ad assistere in punto di morte i malati dell'ospedale Umberto I.

Coloro dunque che non credono in Dio, o per lo meno nel Dio diviso in tre come un coccomero e che hanno dei dubbi sulla coscienza della verginità di Maria dopo il parto, sono avvisati. Se devono farsi tagliare qualche cosa o medicare qualche altra, non vadino all'ospedale italiano, poiché la carità cristiana potrebbe farli vittime dei soliti dispetti e potrebbero trovarsi nel caso di vedersi offerto, invece di un brodo, Cristo congelato nella sacratissima ostia.

Ed ingoiare allora... o far fagotte.

Autore della prossima reintegrazione delle monache alla cuccagna ospitaliera è il signor De Camillis... partigiano della navigazione diretta e fornitore benemerito dell'asilo degli immigranti.

Che Dio lo... benedica!

Il circolo di Studi Sociali Conquista dell'America avvisa che martedì 25 Marzo alle ore 7 di sera avrà luogo una dimostrazione pubblica, nel rione Bexiga, in rua S. Antonio angolo della rua 13 de Maio, dimostrazione di protesta contro il caro-viveri.

RICERCHE

Gaetano Piva — residente in São Joaquim — ricerca suo cugino Giacomo Zampierini, un tempo dimorante in Ribeirão Bonito.

Giovanni Picchioni ricerca Enrico Cavallari un tempo residente nel municipio di S. Manoel. Informare presso questa amministrazione o all'interessato in São Joaquim.

Giacinto Blosi fa ricerca di Luigi De Gregori, muratore; chi ne avesse notizie è pregato fargliele avere in Jaboticabal.

Adolfo Silvestroni, che deve trovarsi in Rio de Janeiro, è ricercato dal proprio padre Ranieri, da pochi mesi arrivato d'Italia.